

## BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

NATHAN D'AVILA SILVA<sup>1</sup>; KEBERSON BRESOLIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – nathandsjanai@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – keberson.bresolin@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das tecnologias ao longo dos últimos anos tem andado a passos acelerados e suas inovações e transformações são comumente acompanhadas de mudanças na rotina e nas relações, sejam interpessoais, comerciais ou de poder. A filosofia adquire um papel fulcral para compreender esses processos, bem como a própria história do pensamento oferece o arcabouço do momento presente.

Isto posto, este trabalho versará sobre como o modelo de reforma humana de Jeremy Bentham auxilia e antecipa o modelo de vigilância do século XXI, cuja relação é brevemente exposta em algumas obras pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

No primeiro momento, serão dados alguns elementos básicos para a compreensão do panóptico benthamiano junto a alguns comentários feitos por Jacques-Alain Miller. E, por fim, a análise e a transposição para o presente feitos por Byung-Chul Han.

### 2. METODOLOGIA

Através da leitura das obras *No Enxame* e *Sociedade da Transparência*, de Byung-Chul Han, e retomando seu referencial ao *Panóptico* de Jeremy Bentham, foi reforçado a importância de sua obra para compreender os modelos de vigilância do século XXI. Além disso, em um movimento descendente, da teoria à práxis, é possível perceber como a crítica filosófica é importante para esclarecer esses processos que não se restringem aos países do norte global, mas que inclusive no Brasil tem sua presença.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Várias sentenças de Bentham em suas cartas podem ser usadas para resumir de maneira bastante clara suas pretensões, sem, contudo, exauri-las. Sua proposta erige-se sob o nome de uma *casa inspeção*, minuciosamente descrita para que não houvesse nenhum imprevisto. Suas cartas não se atêm às fundamentações teóricas ou morais, mas explora a economia e a aplicabilidade da construção: é um “princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância.” (MILLER, 2008, p. 89)

A razão última da existência de uma tal construção é nada menos do que sua utilidade. Em seu interior, o vigilante terá um olhar onipresente sob seus vigiados, que por sua vez não poderão ver nem ao vigia e nem aos seus colegas de clausura. Desta forma, o “novo modo de garantir o poder da mente sobre a mente” (BENTHAM, 2008, p. 17) garantirá que os detidos em seu edifício não apenas sejam vistos sem verem, mas terão o constante sentimento de serem observados, consequentemente frustrando qualquer tipo de delito que possam pretender

cometer. O panóptico benthamiano é, em última análise, “uma máquina de produzir uma imitação de Deus.” (MILLER, 2008, p. 91)

A questão da vigilância constante e do controle, a estes níveis, não atingiram seu ápice com Bentham, embora ele tenha sido um grande influenciador dos rumos do sistema prisional. Mas da mesma forma que seu edifício, material, poderia garantir uma visão unilateral em seu interior, o campo virtual e digital consegue expandir este horizonte e, ao mesmo tempo, transformar a vigilância em um lucro que não poderia ser imaginado no século XVIII.

Para Han, o panóptico virtual possibilita a vigia não por um centro, mas por todos os lugares, por cada um, tornando obsoleta a distinção centro-periferia tão importante em Bentham. (HAN, 2017, p. 106) Outro ponto levantado pelo filósofo sul-coreano é que, se nas celas benthamianas os presos têm consciência de sua condição, i.e., que estão privados de sua liberdade, o panóptico virtual opera com a ilusão da liberdade de seus usuários. Se a finalidade das casas benthamianas eram a reforma moral de seus habitantes, no panóptico digital essa reforma é uma de suas várias consequências, pois quando sua vigilância controla a liberdade, ela gera uniformização. (HAN, 2017, p. 110)

O melhor investigado é aquele que entrega todas suas informações por vontade própria e espontaneamente. Onde é comum carregar no bolso o aprelo que contém seus contatos, suas fotos mas também seus trabalhos, seus contatos profissionais e sua disponibilidade durante as vinte e quatro horas do dia, é também comum a vigilância desenfreada. Assim, somos observados “pelas coisas que usamos todo dia.” (HAN, 2018, p. 127)

Também nas redes as informações pessoais são expostas (e em especial as empresas de comunicação tem acesso quase irrestrito a estes dados) sem que haja a necessidade de uma coação externa. Segundo Han, os habitantes do panóptico digital o abastecem com as informações expostas voluntariamente, coincidindo o controle com a ilusão da liberdade, pois “a autoexposição é mais eficiente do que a exposição por outro porque ela é acompanhada do sentimento de liberdade.” (HAN, 2018, p. 123) Onde os seus habitantes, em vez do medo de abdicar de sua esfera privada e íntima, se põem à vista desavergonhadamente, é também onde liberdade e controle tornam-se indissociáveis.

Neste momento, o imperativo moral ou biopolítico dá lugar a um imperativo econômico, onde dados rastreados e coletados são vendidos, ou quando os próprios habitantes do panóptico digital põem sua imagem em uma vitrine que percorre cada smartphone ou computador. Essa intensa hipercomunicação propiciada pela rede permite um eterno vigiar a todos e, ao mesmo tempo, ser vigiado por todos.

Longe de ser uma agressão à liberdade, como é característico ao conceito de supervisão, agora é sua própria confirmação. A dialética da liberdade como controle consuma a sociedade do controle, e é onde se extingue qualquer espécie de confiança. A confiança pressupõe um não saber, que não impede a relação. Onde as informações são expostas e a hipercomunicação ilumina a todas elas, não resta senão a desconfiança. Em uma sociedade da desconfiança, agarra-se ao controle. (HAN, 2017, p. 111) Uma sociedade da confiança não necessita desse tipo de transparência, uma vez que respeita o jogo do oculto necessário nas relações de confiança, tanto nas interpessoais quanto de poder.

A substituição do Big Brother pelo Big Data (HAN, 2018, p. 122) torna-se cada vez mais uma arma eficiente de vigilância e de reforma. Nas redes são fornecidos e obtidos todo e qualquer dado, sem que se saiba exatamente por quais servidores e por quais olhos eles passam, permitindo um ver a todos sem ser visto, ao mesmo

tempo em que a Big Data memoriza a todos sem que haja qualquer suspeita de sua presença.

Isso evidencia as novas formas de fazer do controle e suas características mais discretas, enquanto consegue colocar seus habitantes digitais a agirem da maneira como quereria o vigia benthamiano, criando padrões, atitudes, e tendências, enfim, uniformizando. Simultaneamente, a filosofia surge como um olhar crítico aos caminhos que estão sendo seguidos pela tecnologia e o risco que eles representam para a liberdade livre de ilusões, para a identidade e para o próprio conhecimento.

#### 4. CONCLUSÕES

A filosofia é a ferramenta a ser usada para esmiuçar as novas técnicas de controle e poder que se erguem no mundo atual. O filósofo sul-coreano nos oferece uma análise que não é continentalmente restrita, mas que se aplica, inclusive, no Brasil, podendo ser alvo de análise e debate entre os pesquisadores brasileiros e propiciando diálogo com outras áreas do conhecimento.

Neste ano, de 2020, o jornal investigativo *The Intercept* publicou uma matéria onde aponta a precisão da aquisição de dados de celular por empresas de telecomunicações, a falta de honestidade na apresentação dos termos de uso, a falta de segurança dos dados e a que eles servem: neste caso específico, as informações de trânsito dos usuários foram vendidas à prefeitura de uma cidade para entender e planejar o turismo local, confirmando, em solo brasileiro, a sentença de Byung-Chul Han, que não é nem apenas sul-coreana, nem apenas alemã (seu local de formação acadêmica): “Elas [as empresas] expõem nossa vida para conseguir capital em troca das informações espionadas.” (HAN, 2018, p. 124)

Tanto a matéria jornalística quanto a análise feita por Han no ano de 2013 trazem à discussão o movimento realizado pelo panóptico, provavelmente mais presente na atualidade do que o era com Bentham. O cliente é tornado transparente, seja através da necessidade latente de expor-se, seja através de termos assinados e concordados sem a devida atenção. Nessa transparência, o cliente é transformado no novo presidiário benthamiano.

Não faltam exemplos, mesmo em território nacional, de que as assertivas de Han são um golpe contra a transparência da sociedade da vigilância. Enquanto ele escreve que “o Globo como um todo está se transformando em um único panóptico” (HAN, 2017, p. 115), impossibilitando haver um “fora do panóptico”, suas análises parecem abrir uma porta na muralha que ele descreve. A filosofia tem a oportunidade de tornar-se um detento rebelde e alheio à uniformização do digital.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, T.. **Vigiar e Lucrar**. The Intercept Brasil, 13 abr. 2020. Acessado em 13 set. 2020. Online. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/13/vivo-venda-localizacao-anonima/>
- HAN, B.C. **No Enxame**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018
- HAN, B.C. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017
- JEREMY, B. O Panóptico ou a Casa de Inspeção. In: TADEU, T. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.15-87.
- MILLER, J.A. A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In: TADEU, T. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.89-125.